CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CINE-ÓPERA
10 de setembro de 2026

ARIA/ 1987

SEGMENTO 1: **UN BALLO IN MASCHERA** (EXTRACTOS) DE VERDI
Realização e Argumento: Nicolas Roeg/ **Fotografia**: Harvey Harrison/ **Montagem**: Tony Lawson/ **Direcção Artística**: Diana Johnstone/ **Intérpretes**: Theresa Russell (Rei Zog), Stephanie Lane (Baronesa), Arthur Cox (Major), etc/ **Cantores**: Leontyne Price, Carlo Bergoni, Robert Merrill, Shirley Verrett, Reri Grist

SEGMENTO 2: LA VERGINE DEGLI ANGELI DE **LA FORZA DEL DESTINO** DE VERDI
Realização e Argumento: Charles Sturridge/ **Fotografia** (cor e preto e branco): Gale Tattersall/ **Montagem**: Matthew Longfellow/ **Direcção Artística**: Andrew McAlpine/ **Intérpretes**: Nicola Swain (Marie), Jackson Kyle (Travis), Marianne McLoughlin (Kate)/ **Cantores**: Leontyne Price, Giorgio Tozzi, Ezio Flagello

SEGMENTO 3: ENFIN IL EST EN MA PUISSANCE DE **ARMIDE** DE LULLY
Realização e Argumento: Jean-Luc Godard/ **Fotografia**: Carolyn Champetier/ **Direcção Artística**: Stephen Altman/ **Intérpretes**: Marion Peterson, Valerie Allain (as raparigas)/ **Cantores**: Rachel Yakar, Zeger Vandersteene, Danièle Borst

SEGMENTO 4: LA DONNA È MOBILE DE **RIGOLETTO** DE VERDI
Realização e Argumento: Julien Temple/ **Fotografia**: Oliver Stapleton/ **Montagem**: Neil Abrahamson/ **Direcção Artística**: Piers Plowden/ / **Coreografia**: Grover Dale/ **Intérpretes**: Buck Henry (Preston), Beverly D' Angelo (Gilda), Gary Kasper (Jake), Anita Morris (Phoebe), etc/ **Cantores**: Robert Merrill, Alfredo Kraus, Annna Moffo

SEGMENTO 5: GLUCK, DAS MIR VERBLIEB DE **DIE TOTE STADT** DE KORNGOLD
Realização e Argumento: Bruce Beresford/ **Fotografia**: Dante Spinotti/ **Montagem**: Marie Thérèse Boiché/ **Direcção Artística**: Andrew McAlpine/ **Intérpretes**: Elizabeth Hurley (Marietta), Peter Birch (Paul)/ **Cantores:** Carole Neblett, René Kollo

SEGMENTO 6: LIEUX DESOLÉS, SUIT DES VENTS, JOUISSONS, JOUISSONS DE **LES BORÉADES** DE RAMEAU
Realização e Argumento: Robert Altman/ **Fotografia**: Pierre Mignot/ **Montagem**: Jennifer Auge/ **Direcção Artística**: Scott Bushnell, John Hay/ **Intérpretes**: Bertrand Bonvoisin, Cris Campion, Anne Canovas, Sandrine Dumas, Jody Guelb, Julie Hagerty, Philippe Leroy-Beaulieu, Geneviève Page/ **Cantores**: Jennifer Smith, Anne-Marie Rodde, Philippe Langridge

SEGMENTO 7: LIEBESTOD DE **TRISTAN UND ISOLDE** DE WAGNER
Realização e Argumento: Franc Roddam/ **Fotografia**: Fred Elmes/ **Montagem**: Rick Elgood/ **Direcção Artística**: Mathew Jacobs/ **Intérpretes**: Bridget Fonda, James Mathers (os amantes)/ **Cantora**: Leontyne Price

SEGMENTO 8: NESSUN DORMA DE **TURANDOT** DE PUCCINI

Realização e Argumento: Ken Russell/ **Fotografia**: Gabriel Beristain/ **Montagem**: Michael Bradsell/ **Direcção Artística**: Paul Dufficey/ **Intérpretes**: Linzi Drew (rapariga), Andreas Wisniewski, etc/ **Cantores**: Birgit Nilsson, Renata Tebaldi, Jussi Bjoerling

SEGMENTO 9: DEPUIS LE JOUR DE **LOUISE** DE CARPENTIER

Realização e Argumento: Derek Jarman/ **Fotografia** (cor e preto e branco): Mike Southon e Christopher Hughes/ **Montagem**: Peter cartwright, Angus Cook/ **Direcção Artística**: Christopher Hobbs/ **Intérpretes**: Amy Johnson (Velha senhora), Tilda Swinton (rapariga), Spencer Leigh (rapaz)/ **Cantora**: Leontyne Price

SEGMENTO 10 E SEGMENTO DE LIGAÇÃO: VESTI LA GIUBBA DE **I PAGLIACCI** DE LEONCAVALLO

Realização: Bill Bryden/ **Argumento:** Bill Bryden , Don Boyd/ **Fotografia**: Gabriel Beristain/ **Montagem**: Marie Thérèse Boiché/ **Intérpretes**: John Hurt (actor), Sophie Ward (rapariga), Fernand Dumont (voz de barítono)/ **Cantor**: Enrico Caruso.

Produção: Don Boyd/ **Produtor Executivo**: Jim Mervis/ **Cópia**: em 35mm, cor e preto e branco, versão original, legendada em francês e eletronicamente em português/ **Duração**: 97 minutos/ Inédito comercialmente em Portugal (Exibido pela RTP2) / Primeira exibição na Cinemateca: novembro de 1999, Ciclo "Jean-Luc Godard 1985-1999".

****

No final de **Aria** uma legenda refere que o filme é dedicado a todos (compositores, cantores, etc.) que ao longo de três séculos alimentaram o prazer dos espectadores com os seus trabalhos. Esta é, pelo menos, a intenção do responsável, um tal Don Boyd, da qual o menos que se pode dizer é que é um exemplo perfeito do conhecido aforismo que diz que «De boas intenções...». O cinéfilo conhece o resto. Don Boyd decidiu homenagear a ópera e para o efeito convidou 10 realizadores mais ou menos conhecidos, para que fizessem, cada um deles, uma curta metragem sobre o tema que quisessem, acompanhada por uma ária. Possivelmente não terão sido todos estes os escolhidos por Boyd. No quarto segmento (realizado por Julien Temple), um dos personagens, Buck Henry (que surge na pele de um produtor fazendo das repérages do próximo filme um pretexto para se encontrar com a amante) fala ao telefone com um certo Woody (Allen?) referindo-se a «este» projecto e afirmando que outros colaboradores seriam Robert Altman e Federico Fellini. O primeiro é, de facto, autor de um dos episódios, mas de Fellini, nem sombras, apesar de, segundo Boyd, ter referido o interesse do projecto.

Que ele tinha, é mais do que evidente. Muita gente terá sido atraída para esta forma de arte dita «elitista», graças à sua divulgação pela rádio, cinema e televisão. E no que diz respeito ao cinema, também ajudou a sua utilização como inspiração e tema musical em muitos filmes. A cinematografia italiana em particular (*et pour cause*) teve um papel bastante sugestivo neste campo, com a série de versões cinematográficas dos anos 30 aos 50 (muitas delas vistas nesta sala aquando do ciclo sobre «Cinema e Ópera»), para além de românticos «biopics» de compositores como Puccini, Verdi e Donizetti. Digam o que disserem destas versões (questões de fidelidade ou sejam de que for) a verdade é que elas desempenharam (e bem) essa função (e missão), despertando curiosidade e interesse entre camadas sociais menos predispostas a isso. Ora desafio quem quer que seja a provar-me que o projecto de Don Boyd tenha tido efeito semelhante. A questão até nem está no facto de se tratar de uma «colagem» de «vídeo-clips» (este é um dos casos em que apetece dizer: «Quem dera!»). Trata-se de uma «colagem» (muito mal colada, pois o segmento de ligação é duma completa nulidade, imagens, sem uma ideia definida de um homem por ruas de Cremona, depois no interior do teatro e finalmente preenchendo o último segmento com John Hurt mimando, pessimamente, o «Vesti la Giubba», de «I Pagliacci», que deve ter feito o cantor, Enrico Caruso, dar pulos de desespero na tumba, e desafinado o coro dos anjos), «colagem» disse, duma série de cenas filmadas, algumas com mau

gosto, e que têm uma ária famosa como suporte. Com raras excepções (já lá vamos) todas as cenas primam pela presunção e pela ausência de um «projecto» como momento de cinema em si mesmos. Neste aspecto há dois episódios que se salvam parcialmente deste desastre: o de Robert Altman e o de Jean-Luc Godard. O primeiro (sexto da ordem de aparição), em parte pela sua ideia de encenação. Altman coloca-se «do outro lado», isto é em cima do palco filmando os espectadores que assistem a «Les Boréades» de Rameau no teatro. Não é um teatro qualquer, nem são espectadores vulgares. Estamos, no tempo, alguns séculos atrás, e os segundos parecem (ou são mesmo) saídos de um manicómio, desenhados a traço forte por Hogart, caricaturas sinistras e burlescas. Sobre estas personagens e esta singular paisagem «passam» as vozes dos cantores e as suas árias parecem justapor-se a elas («Lieux Desolés», «Jouissons, Jouissons»). Godard é a excepção total, que merece o destaque. O seu segmento (com uma ária de «Armide» de Lully) é uma perfeita exposição do seu «método» e dos seus temas. Num ginásio onde se treinam halterofilistas, duas jovens semeiam o desejo perante a impassibilidade dos atletas. Desejo e indiferença que a câmara «ilustra» em movimentos e enquadramentos que jogam com as simetrias dos corpos como estão colocados no plano e como se deslocam, e com os vários cruzamentos como se fossem linhas geométricas. A beleza dos movimentos vai a par com a frieza dos gestos, o que destaca a sensação de impossibilidade de os corpos se encontrarem e o desejo ter saída.

Poderíamos ainda destacar a simplicidade do segmento de Derek Jarman (o nono), segundo a «Louise» de Charpentier, mostrando uma velha senhora evocando (em imagens a preto e branco) um romance passado. Mas são três momentos breves, independentes e que nada liga a um projecto comum e onde se incrustam uma série de aberrações, com alguns «mestres» exagerando os seus tiques, como Nicolas Roeg no episódio de abertura ou Ken Russell que a partir da «Turandot» nos leva por uma metáfora que se abeira do ridículo sobre o «sonho/pesadelo» de uma mulher numa mesa de operações, que se «vê» num cenário «kitsch» sendo «incrustrada» de jóias (óbviamente, trata-se do tratamento a que está a ser sujeita!). Para Julien Temple «La Donna è Mobile» serve para uma (óbvia) anedota de adultérios, enquanto Beresford e Roddam se limitam a encenar, de forma preguiçosa, duas cenas trágico-românticas.
No conjunto parece tratar-se de um mau serviço prestado à Ópera que se queria homenagear. Com amigos destes...

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico.